



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**



ROBERTO DE JESUS DOS SANTOS

**QUALIDADE NA OU DA DOCÊNCIA COMO TRABALHO? Uma trajetória
transdisciplinar**

**MAMANGUAPE/PB
2020**

ROBERTO DE JESUS DOS SANTOS

**QUALIDADE NA OU DA DOCÊNCIA COMO TRABALHO? Uma trajetória
transdisciplinar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa – UFPB
Orientador/Presidente



Profª Drª Betânia Passos Medrado – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Profª Drª Francieli Freudenberger Martiny – UFPB
Membro da Banca Examinadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA
E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS
LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA



QUALIDADE NA OU DA DOCÊNCIA COMO TRABALHO? Uma trajetória transdisciplinar

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé, se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino;” (ROMANOS 12: 6-7).

Licenciando Roberto de Jesus dos Santos (concluinte) – UFPB – rojes40@hotmail.com

Prof. Dr. Walison P. de A. Costa (orientador) – UFPB – walliecoast@yahoo.com.br

Profª Drª Betânia Passos Medrado (titular) – UFPB – betamedrado@gmail.com

Profª Drª Francieli Freudenberger Martiny (titular) – UFPB – francieli.freuden@gmail.com

Profª Drª Renata Gonçalves Gomes (suplente) – UFPB – gomex10@hotmail.com

RESUMO

Tradicionalmente, quando se pensa em qualidade versus trabalho, se pensa a qualidade ‘no trabalho’, visando, portanto, a salvaguarda física e mental do trabalhador. Porém, para o desenvolvimento desta pesquisa, elaboramos a seguinte pergunta: quais são as implicações de adotarmos a qualidade DO trabalho ao invés da qualidade NO trabalho no contexto da atividade docente? A partir dessa questão posta, estabelecemos como objetivo compreender as categorias trabalho e docência como trabalho no contexto da Linguística Aplicada, percorrendo uma trajetória transdisciplinar. Em termos metodológicos, esta pesquisa de cunho qualitativo consiste numa articulação teórica baseada na Clínica da Atividade, conforme CLOT (2013, 2017a, 2017b), entre outros autores. Ela também pode ser caracterizada como exploratória, já que buscamos uma maior familiaridade com o tema o trabalho docente e sua relação com a qualidade. No que se relaciona à fonte e aos procedimentos, ela se classifica como um estudo bibliográfico. Chegamos, finalmente, a um posicionamento que advoga em prol da qualidade do trabalho ao invés da qualidade no trabalho, pois essa virada suscita a promoção de um ativismo existencial no

trabalhador, proporcionando transformação em seu meio e em si mesmo, além do orgulho de ser quem é.

Palavras-chave: Trabalho docente. Qualidade do trabalho. Linguística Aplicada. Clínica da Atividade.

ABSTRACT

Traditionally, when one thinks of quality versus work, one thinks of quality 'at work', aiming, therefore, at the physical and mental safeguard of the worker. However, for the development of this research, we elaborated the following question: what are the implications of adopting quality OF work instead of quality AT work in the context of teaching activity? From this question posed, we established as objective to understand the categories work and teaching as work in the context of Applied Linguistics, going through a transdisciplinary trajectory. In methodological terms, this qualitative research consists of a theoretical articulation based on the Clinic of Activity, according to Clot (2013, 2017a, 2017b), among other authors. It can also be characterized as exploratory, since we seek a greater familiarity with the theme teacher work and its relationship with quality. Concerning the source and procedures, it is classified as a bibliographic study. Finally, we come to a position that advocates for the quality of work instead of quality at work, because this turn raises the promotion of an existential activism in the worker, providing transformation in his environment and in himself, besides the pride of being who he is.

Keywords: Teacher work. Quality of work. Applied Linguistics. Clinic of Activity.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da antiguidade, o homem busca o seu espaço e se revigora com suas conquistas, se engaja em competições acirradas para ter uma vida digna e para assegurar sua sobrevivência ao longo da história. O trabalho é visto como a dignidade do homem frente à atual sociedade. A questão mais complexa, mas necessária, ao mesmo tempo, para este trabalhador, é descobrir quais são as suas aptidões, virtudes, competências, talentos, erros e até acertos no seu âmbito laboral; e como desenvolver um padrão de vida sustentável do ponto de vista existencial, que traga bem-estar, satisfação e reconhecimento, ao mesmo tempo. Na verdade, é por isso que precisamos refletir sobre o trabalho em si para além do trabalhador.

A partir dessa rápida problematização sobre os contextos quem envolvem o trabalho e o trabalhador, justificamos a proposição desta discussão, tendo em vista que, tradicionalmente, quando se pensa em *qualidade versus trabalho*, intuitivamente,

sentimos que o foco está na qualidade ‘no trabalho’, visando, portanto, a salvaguarda física e mental do trabalhador tão-somente.

Esta investigação se constitui a partir de uma articulação teórica, tendo sido conduzida dentro de uma abordagem qualitativa. Além disso, consideramo-la como exploratória, uma vez que buscamos uma maior familiaridade com o tema *trabalho docente e sua relação com a qualidade*. No que diz respeito à fonte e aos procedimentos, esta pesquisa é classificada como um estudo bibliográfico.

Dessa forma, para darmos início à pesquisa, postulamos a seguinte pergunta: *quais são as implicações de adotarmos a qualidade DO trabalho em detrimento da qualidade NO trabalho no contexto da atividade docente?*

Em seguida, registramos nossos objetivos – geral e específicos – para que nos auxiliem na construção de uma trajetória argumentativa até as considerações finais, momento em que defenderemos um posicionamento mais assertivo frente ao tema e sinalizaremos para outras questões eventualmente surgidas nesse percurso.

Em termos gerais, objetivamos *compreender* as categorias *trabalho* e *docência como trabalho* no contexto da Linguística Aplicada, percorrendo uma trajetória transdisciplinar.

Especificamente, objetivamos *refletir* sobre as conotações de *trabalho* diacrônica e sincronicamente, estabelecendo uma compreensão da *docência* como trabalho; *discutir* alguns pressupostos e princípios teóricos no que tange às clínicas do trabalho, com destaque para a Clínica da Atividade; e, finalmente, *desenvolver* uma compreensão da qualidade DO trabalho em comparação com a qualidade NO trabalho, relacionando-as com as noções de riscos psicossociais, poder de agir e saúde.

A partir de agora, passaremos a apresentar como serão construídas as partes constituintes deste Trabalho de Conclusão de Curso, com a finalidade de obtermos uma visão panorâmica do texto como um todo.

Na primeira seção, fazemos uma discussão que envolve o trabalho e a Linguística Aplicada; a docência como trabalho; uma perspectiva histórica sobre o trabalho; e alguns postulados sobre a Psicologia do Trabalho. Na segunda seção, intitulada *As teorias Clínicas do Trabalho*, constam alguns aspectos das seguintes abordagens: Psicodinâmica do Trabalho, Psicossociologia, Ergologia e Clínica da Atividade. Na última seção, intitulada *A qualidade do trabalho docente*, abordamos as seguintes concepções: o poder de agir na relação com a saúde do trabalhador

docente; os riscos psicossociais, discussão com a qual nos permite concluir nosso posicionamento, na seção final *Na contramão da qualidade NO trabalho*.

1.1 TRABALHO E LINGUÍSTICA APLICADA

São muitas questões que poderiam ser consideradas sobre a qualidade na relação com o trabalho e o trabalhador. Portanto, nos perguntamos: *qualidade no trabalho* ou *qualidade do trabalho*? Por estarmos situados num contexto de formação docente, nos voltaremos para a questão do trabalho docente, tendo em vista que a Linguística Aplicada acolhe discussões como esta, que envolve também as Ciências do Trabalho.

A propósito, antes de irmos adiante com as questões do trabalho docente na interface com a qualidade, faremos um passeio pela Linguística Aplicada para vermos como se situa a questão do trabalho docente. Nesse sentido, cremos que a linguagem tem um papel imprescindível nesse contexto. Assim, de acordo com Medrado (201, p 23),

Sendo a linguagem o elemento fundador das práticas sociais, é quase impossível querer construir objetos de investigação que não levem em conta as necessidades da vida humana. Talvez esse seja o maior compromisso (e desafio) da pesquisa na contemporaneidade: envolver-se com as dificuldades *reais* vivenciadas por sujeitos *reais* nas suas práticas diárias.

Ainda, segunda a mesma autora, há pesquisadores que

têm instigado uma reflexão acerca das inquietações que permeiam a sociedade moderna e que, conseqüentemente, reverberam nas questões levantadas pela ciência contemporânea. A LA, como parte de uma ciência social, problematiza e teoriza sobre esses novos tempos, trazendo à tona reflexões que dizem respeito à vida e à práxis humana. (MEDRADO, 2011, p. 23).

De acordo com Medrado (2011), durante muito tempo, a LA teve como preocupação básica aplicar teorias que vinham da linguística teórica, fase que ficou conhecida como aplicacionista, mais especificamente da década de 70 à década de 90. Somente com a chegada do novo milênio é que os estudos sobre professor reflexivo tiveram destaque no seio deste campo. Foi graças a esse momento que o trabalho do professor pôde ser ressignificado, tendo em vista que não importava mais qual método mais adequado deveria ser adotado. Foi preciso ir além, foi preciso se

investir de um caráter crítico-reflexivo, o que pôde possibilitar a compreensão do complexo trabalho docente para além da racionalidade técnica (MEDRADO, 2011).

Sendo assim, a LA tem se apresentado como uma possibilidade de estudos e pesquisas no entorno de práticas sociais, na interface com as linguagens, na busca de resultados que venham a ter incidência no desenvolvimento desse docente trabalhador, com um olhar no agir, na reflexão e na consciência, ancorando suas responsabilidades, num passo que vai muito além dos processos cognitivos de ensinar e aprender (MEDRADO, 2011).

A LA vem vislumbrando novos horizontes nas questões que têm a ver com o trabalhador docente. Ela tem contribuído significativamente para as pesquisas sobre as práticas diárias desafiadoras dos docentes por meio da inter/trans/indisciplinaridade (MOITA LOPES, 2006).

Sobre a questão da inter/trans/indisciplinaridade, esse campo vislumbra um cenário que interliga saberes, teorias, permitindo, assim, uma discussão como a que fazemos que aponta para a qualidade do trabalho docente, conforme situaremos mais adiante.

1.2 DOCÊNCIA COMO TRABALHO

Desde o título, sinalizamos que entendemos docência como trabalho, nos termos de Medrado (2011), para quem, à luz do ISD, a docência é vista a partir da ideia de *agir* e, ao mesmo tempo, numa relação com as Ciências do Trabalho, conforme explicaremos na sequência. No que diz respeito ao agir, Medrado (2011, p. 29) detalha melhor: “O *agir* pode ter uma natureza individual (realizado por um indivíduo apenas) ou coletiva (quando há a intervenção de vários indivíduos em uma mesma atividade)”.

Em outras palavras, levamos em consideração a compreensão do agir para os contextos em que a docência é vista como trabalho. Sendo assim, nos juntamos ao seguinte posicionamento: “o ensino concebido como trabalho redimensiona a arquitetura de sala de aula, incluindo aspectos, instâncias, e personagens que, até pouco tempo, não eram tidos como constitutivos da atividade educacional [...]” (MEDRADO, 2011, p. 23)

Embora a LA aponte também para questões metodológicas sobre o trabalho, além das teóricas, aqui neste Trabalho de Conclusão de Curso, conforme nos

propusemos desde a introdução, apenas fazemos uma discussão teórica a partir de recortes epistemológicos entre a LA e as Ciências do Trabalho (MEDRADO, 2011). Dizemos isso, porque outro universo teórico, como o Interacionismo Sociodiscursivo, também daria conta de incitar e responder a problematizações no que se refere à temática aqui selecionada: trabalho docente.

Algo que também fazemos questão de pontuar é sobre como se dá a relação do contexto pedagógico de atuação, por exemplo, com a questão do trabalho docente. “Noutras palavras, aquilo que chamamos de pedagogia, de técnicas e de teorias pedagógicas, pouco importa a sua natureza, deve estar arrimado no processo concreto de trabalho dos professores, para que possa ter alguma utilidade” (TARDIF, 2014, p. 115).

Tardif (2014, p. 115) vai mais longe e diz:

É, portanto, imperativo que o estudo da pedagogia seja sempre situado no contexto mais amplo da análise do trabalho dos professores. Omitir esse imperativo seria como falar de medicina, hoje, abstraindo o sistema de saúde, a indústria farmacêutica, as organizações de pesquisa subvencionada e as corporações médicas.

Sendo assim, não há como fugir da relação estabelecida de docência como trabalho, uma vez que, ao considerarmos o agir docente como atividade dialógica e dinâmica, isso nos permite pautar-nos em razões, intenções e recursos, o que nos autoriza a conceber a atividade docente como trabalho (MEDRADO, 2011).

1.3 PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE O TRABALHO

Optamos por situar a questão histórica das concepções do trabalho aqui porque, de algum modo, pensamos que essa perspectiva deve, em primeira mão, servir à discussão panorâmica sobre o campo da Psicologia do Trabalho, próximo aspecto que abordaremos. Começamos, então, pela visão judaica sobre o trabalho.

Esta visão é atrelada ao Pentateuco de Moisés. Divinamente inspirado, ele relata o início de tudo a partir da desobediência do homem a Deus. Como consequência, Adão e toda a geração futura foram expulsos do paraíso e passaram a viver do suor do seu rosto.

Por volta de 1500 antes de Cristo, o autor bíblico de Gênesis enunciou algo semelhante ao mitificar a ideia de o homem, banido do paraíso,

ter de doravante ganhar a vida com as próprias forças, respondendo ao dito divino de “crescer, multiplicar e submeter a terra”. O trabalho seria a forma de realizar isso. Elevado aqui à categoria espiritual, ele é a forma pela qual o homem, se torna coautor terreno da obra e dos planos divinos. (BENDASSOLLI, 2009, p. 01)

Por outro lado, o poeta grego Hesíodo (1996), em sua obra literária *O trabalho e os dias*, por volta de 700 a.C., faz uma alusão ao trabalho como uma punição dos deuses, da qual os agricultores não poderiam escapar.

Além dessas duas visões ao longo do tempo, o trabalho adquiriu outras conotações, conforme passamos a expor o que diz o mesmo autor sobre esses diversos significados assumidos para a compreensão do trabalho:

(...) foi sendo experienciado como fonte de dor, sofrimento; símbolo da degradação humana ou atividade de homens cativos, escravos; origem de exploração ou como exuberante forma de expressão de si mesmo e de conquista da dignidade. Dívida, pena, recurso de expiação do pecado, meio de sobrevivência física ou de elevar-se a Deus pela disciplina e pelo autocontrole. Fonte de integração social ou apanágio de decadência e vagabundagem. Seja como for, o amor, o desprezo, a esperança, o temor etc. ao trabalho são sentimentos e disposições subjetivos que foram sendo construídos ao longo do tempo. O sentido do trabalho, independentemente da característica que tenha assumido, é obra de longa decantação histórica. (BENDASSOLLI, 2009, p. 02)

A partir deste apanhado, muitos estudiosos, nesse percurso temporal, vêm debatendo e analisando os discursos em torno do trabalho. De modo hegemônico, não parece possível dissociar o trabalho de uma forma de punição presente nesses contextos.

A nossa investigação tenta apontar mesmo que brevemente para essas questões conceituais emblemáticas no entorno das ideias sobre o trabalho desde a antiguidade até o século XXI. Entretanto, a Revolução Industrial, no século XVIII, tem um grande papel nessa trajetória histórica, como passaremos a ver. Segundo Bendassolli,

Desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e pelo Renascimento e desaguardo na sociedade industrial, um lento e insistente processo, primeiro de espiritualização e, em seguida, de secularização, foi sendo imposto às redes de crenças sobre o valor do trabalho, culminando em sua centralidade social e psicológica no século XIX e em parte do século XX. (BENDASSOLLI, 2009, p. 03)

A partir da Revolução industrial, vemos o surgimento embrionário de um dos ramos da Psicologia, ao qual nos reportaremos na próxima subseção.

1.4 A PSICOLOGIA DO TRABALHO

As relações entre a Psicologia e o Trabalho começaram a ficar mais nítidas quando, depois da Revolução Industrial, surgiu o que se denominou Psicologia Industrial¹. Nesse momento, porém, a ideia não era enxergar o trabalho pelas lentes que enxergamos pela Psicologia contemporânea, cujo interesse particular sobre as relações com o contexto laboral fez emergir um campo do conhecimento mais específico dentro da grande área, chamada Psicologia do Trabalho².

Pelos interesses epistemológicos que possui acerca do seu objeto de estudo, a Psicologia do Trabalho mantém amplo diálogo com muitos outros campos disciplinares, como, por exemplo, a História, a Economia, a Sociologia, a Linguística Aplicada, entre outros, razão por que ela é considerada multi/interdisciplinar.

De acordo com Zanelli e Bastos (2004, *apud* Leão 2012, p. 292)

A psicologia do trabalho pode ser designada como campo de compreensão e intervenção sobre o trabalho e as organizações, visando analisar a interação das múltiplas dimensões que caracterizam pessoas, grupos e organizações, com a finalidade de construir estratégias e procedimentos que promovam, preservem e reestabeleçam o bem-estar.

Em conformidade com o que Leão (2012) aponta, a Psicologia do Trabalho, grosso modo, também pode ter outros nomes na literatura mais específica, tais como: Psicologia Organizacional e do Trabalho, Psicologia do Trabalho e Organizacional, Comportamento Organizacional, Psicologia Aplicada ao Trabalho ou ainda Clínica do Trabalho. A escolha por uma ou outra nomenclatura vai depender da ênfase dada à análise psicológica, se cognitivo-comportamental, se social ou se clínica, de acordo com que pontua Bendassolli (2011).

Foi proposital mencionar a Clínica do Trabalho por último, visto que a discussão que trazemos sobre se a qualidade deve ser no trabalho ou do trabalho recai numa articulação que se situa como decorrência dessa Clínica, corrente teórica chamada

¹ O foco da Psicologia Industrial estava relacionado direta e essencialmente à produtividade.

² Diferentemente, a Psicologia do Trabalho tem como condão discutir melhorias nos contextos laborais que envolvem trabalhadores.

de Clínica da Atividade, proposta por Yves Clot (2017a) da qual, mais à frente, falaremos.

Quando mencionamos Clínicas do Trabalho, nos referimos às abordagens clínicas, cuja tentativa é evidenciar as relações entre os aspectos laborais e os processos de subjetivação (BENDASSOLLI e SOBOLL, 2011). Mais que isso,

(...) os conhecimentos produzidos nesta perspectiva oportunizam conscientização relativa às vivências nas relações de trabalho, visando à transformação da realidade. Sendo assim, esses conhecimentos podem subsidiar ações de mobilizações e resistências dos sujeitos individuais e coletivos diante das diversas situações de trabalho, nas quais predominam a vulnerabilidade e a segmentação dos coletivos, sejam elas manifestadas na forma de sofrimento, adoecimento ou de submissão, como também na forma de demandas, de 'provas' do real do trabalho contra as quais o sujeito é chamado a se afirmar. (BENDASSOLLI e SOBOLL, 2011, p. 04)

Assim sendo, agora passamos à próxima seção, que tratará especificamente dessas abordagens clínicas.

2 AS TEORIAS CLÍNICAS DO TRABALHO

Quando falamos em teorias clínicas, nos referimos a um número considerável de clínicas do contexto laboral. Porém, vamos abordar aqui alguns pressupostos de quatro delas: a Psicodinâmica do Trabalho, a Psicossociologia, a Ergologia e a Clínica da Atividade.

Essas abordagens teóricas focalizam uma discussão que interrelaciona o trabalho e a subjetividade dentro no âmbito da Psicologia do Trabalho. Propositamente, invocamos a Clínica da Atividade por último, uma vez que a terceira seção – a próxima – abordará alguns conceitos que se inserem dentro de seu quadro teórico, como, por exemplo, poder de agir e riscos psicossociais. Dessa forma, iniciamos pela primeira abordagem clínica, como mencionada aqui no início da seção.

Conforme Bendassolli e Soboll (2011), a Psicodinâmica do Trabalho tem como expoente Christophe Déjours. Baseia-se na Psicanálise, na Ergonomia e na Sociologia do Trabalho. Compreendemos que essa teoria contempla a noção de conflitos intrapsíquicos e, ao mesmo tempo, a relação com a alteridade. Nesse sentido, ela entende que o sofrimento pode ser transformado em prazer nas atividades

laborais via reconhecimento. Herda da Ergonomia a compreensão de que o trabalho se dá na dimensão do real e da prescrição.

Ainda sobre essa abordagem, podemos dizer, de acordo com Bendassolli e Soboll (2011), que os processos de subjetivação podem ser compreendidos na interface não apenas com o sofrimento, mas, sobretudo com o prazer, na relação saúde-adoecimento, via mecanismos de defesa, ambientados nesse contexto de análise sociopsíquico do trabalho.

A Psicossociologia também é conhecida como Psicologia Social Clínica ou Sociologia Clínica, conforme os autores já mencionados. De maneira parecida com a Psicodinâmica do Trabalho, a Psicossociologia, por um lado, considera um sujeito que possui um universo intrapsíquico recorrendo à natureza inconsciente desses fenômenos individuais. Por outro lado, ela compreende que esse mesmo sujeito está inserido num contexto social, onde figura como partícipe. Em outras palavras, ela se dedica a estudos sobre processos grupais, com fins à mudança social (BENDASSOLLI, SOBOLL, 2011). Podemos resumir o alcance dessa abordagem com as palavras de Bendassolli e Soboll (2011, p. 11): “A psicossociologia busca, dessa forma, investigar as reciprocidades entre o individual e o coletivo, o psíquico e o social”.

A Ergologia se fundamenta na Filosofia da vida e na Ergonomia, nas palavras de Bendassolli e Soboll (2011). Ela tem como principal representante Yves Schwartz. Essa vertente teórica objetiva “conhecer o trabalho para intervir e transformá-lo, buscando contemplar a atividade humana em todas as suas dimensões” e, ao mesmo tempo, considera que “a atividade é a matriz da história humana e deve ser estudada no fluxo das situações concretas” (BENDASSOLLI e SOBOLL, 2011, p. 120).

Situamos brevemente essas três primeiras correntes clínicas para, em seguida, nos determos mais na Clínica da Atividade, já que esta última se relaciona diretamente com o objeto de nossa discussão neste Trabalho de Conclusão de Curso, como já antecipamos no início desta seção.

A Clínica da Atividade, no Brasil³, vem ganhando terreno desde 1990 e é cada vez mais discutida e usada como fundamentação teórica nas pesquisas desenvolvidas

³ Na França, em contrapartida, a Clínica da Atividade é vivenciada também nos espaços laborais, tendo como figura central o *intervenante* (ou “interveniente clínico”), profissional responsável por proporcionar o cuidado do trabalho nos ambientes corporativos.

nos Programas de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Linguística, por exemplo. Seu maior representante é Yves Clot.

A Clínica da Atividade é tributária das teorias histórico-culturais em Psicologia e em Linguística. A primeira, elaborada por Lev Vygotsky, e a segunda, pensada por Mikhail Bakhtin. Dentre outros interlocutores, o autor francês também afirma sofrer influência de várias correntes teóricas da tradição francesa de análise do trabalho, mesmo que, em alguns casos, fazendo contrapontos a estas (PINHEIRO et al, 2016, p. 111)

De certo modo, a Clínica da Atividade possui um aspecto que pode inquietar o leitor desavisado, porque, embora se fale de “clínica”⁴, definitivamente essa abordagem não visa prever riscos psicológicos nem físicos do trabalhador, tampouco prevenir que o trabalhador docente adoeça, assim como outro trabalhador qualquer, isto é, que seja “poupado” dos tais riscos psicossociais nas situações que envolvem seu contexto laboral. Ela busca, sobretudo, desenvolver o poder de agir dos trabalhadores.

Passemos, agora, à última seção deste texto, que se incumbirá de discutir alguns aspectos conceituais, centro de nossa propositura.

3 A QUALIDADE DO TRABALHO DOCENTE

Quando optamos por utilizar como subtítulo desta seção os termos “qualidade do trabalho”, já sinalizamos para a questão no entorno da qual nossa investigação de cunho teórico se dá. Em outras palavras, já aqui nos direcionamos por uma vereda que mostra que quem precisa de cuidado é o trabalho e não o trabalhador, em conformidade com os fundamentos da Clínica da Atividade. Por essa razão, elegemos como aspectos conceituais a serem mais bem esmiuçados os seguintes: *poder de agir*, *saúde do trabalhador docente* e *riscos psicossociais*, fazendo, por último, uma oposição à qualidade no trabalho, cujo foco em definitivo não está no cerne das preocupações da Clínica da Atividade.

3.1 PODER DE AGIR

⁴ Do ponto de vista etimológico, ‘clínica’ se relaciona ao paciente que precisa de cuidados e se encontra acamado.

O poder de agir é uma das categorias principais da Clínica, uma vez que é ela a mobilizadora do impulso vital que incita o trabalhador na lide com suas relações com o seu trabalho, modificando-o, modificando-se conseqüentemente.

Como já dito, a própria Clínica da Atividade não objetiva analisar os riscos psicológicos nem físicos. Sendo assim, “o interveniente se volta de início para ação com o intuito de desenvolver o poder de agir dos profissionais sobre seu meio de trabalho, sobre a organização e sobre si-mesmos” (CLOT, 2017a, p. 18).

Aliás, falar em poder de agir implica assumirmos que a vida, em âmbito geral, é recheada de eventos que nos causam impedimentos e conflitos diversos, motivo por que nas situações que envolvem trabalho, igualmente, não podemos evitar tais ocorrências impeditivas/conflituosas. Eis porque a Clínica da Atividade concebe o poder de agir como elemento fundamental para transformarmos o que nos incapacita, o que se apresenta como malfeito ou mesmo como não feito. É o poder de agir o impulso vital que nos permite atuar ativamente (agir), de forma protagonista, não vitimizada, não adoecida do ponto de vista subjetivo, atuando sobre um interstício conceitual-vivencial no universo laboral que se inscreve entre o *prescrito*⁵, o *real*⁶ e o *realizado*⁷ (CLOT, 2017a).

Feitas essas considerações, recorremos a Winnicott (1988, p. 30), citado por Clot (2017a, p. 18):

A vida de um indivíduo saudável se caracteriza tanto pelos medos, pelos sentimentos conflituosos, pelas dúvidas, pelas frustrações quanto pelos aspectos positivos. O essencial é que o homem ou a mulher se sinta viver sua própria vida, tomar a responsabilidade de sua ação ou de sua inação, se sinta capaz de se atribuir o mérito de um sucesso e a responsabilidade de um fracasso.

Ao acolhermos a noção de *poder de agir*, inevitavelmente, precisamos tocar na noção de *saúde*, a qual se distancia completamente da noção tradicional, aquela normalmente advinda dos princípios psicopatológicos, reinantes na Psicodinâmica do Trabalho, por exemplo. Dessa maneira, consideramos que “Saúde e poder de agir têm, portanto, uma ligação naqueles que trabalham” (CLOT, 2017a, p.18). Nessa linha de raciocínio, a seguir, discutiremos um pouco sobre essa ideia de saúde no contexto do trabalho docente.

⁵ A prescrição se relaciona diretamente com a tarefa.

⁶ O real da atividade é aquilo que se poderia ou gostaria de ter feito, mas não fez por algum motivo.

⁷ O realizado é aquilo que de fato foi/é feito pelo trabalhador.

3.2 SAÚDE DO TRABALHADOR DOCENTE

Antes de iniciarmos detidamente a discussão sobre a noção de saúde com base na Clínica da Atividade, justificamos que mencionamos *trabalhador docente* mesmo não possuindo material de análise produzido por esses trabalhadores. Como a nossa finalidade aqui é essencialmente uma articulação teórica, não utilizamos procedimentos analíticos sobre eventuais textos produzidos por esses trabalhadores. Porém, insistimos que, quando promovemos essa discussão, temos em mente o trabalho do professor, pois seguimos na esteira do pensamento segundo o qual a docência é trabalho (MACHADO 2004; MEDRADO, 2011). Além disso, inclusive, o contexto de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso é no âmbito da formação inicial de professores, mais especificamente, no Curso de Letras Inglês, finalmente, motivo que nos fez optar por textualizar o termo *docente* ao lado de *trabalhador*.

Dito isso, passemos ao que compreendemos como saúde neste contexto de articulação teórico-conceitual. Tradicionalmente, nos domínios dos campos epistemológicos que se baseiam no arcabouço psicopatológico (Psiquiatria; Psicanálise ortodoxa; algumas vertentes mais médico-biologizantes da Psicologia), percebemos que é comum o termo *saúde* estar associada a uma ideia de preservação da integridade física e mental do sujeito, aqui, no nosso caso, o trabalhador docente.

Contrariamente, nesses contextos laborativos, uma vez baseados na Clínica na Atividade, compreendemos que *saúde* deve ser entendida como *poder de agir*, o que nos faz firmar um posicionamento em consonância também com Costa (2020, p. 10):

Com relação a essa concepção de saúde, não pretendemos adotar a visão higienizadora, fisiologizante, do bem-estar como única e exclusiva possibilidade. Pelo contrário, a experiência do viver é constituída de imperfeições; equívocos; mas certamente também de amores; histórias de sucesso; emoções fortes que nos permitem retirar as mordidas existencialmente adquiridas na vida e, por conseguinte, em contextos laborais também; sentimentos mobilizadores que nos transubstanciam de sujeitos do aqui agora, individualizados, isolados, para sujeitos 'trans', com memória perpassante, permeados pelo outro, e o outro permeado por nós. Circunscritos por esta apreciação de saúde, acreditamos ser possível nos impulsionarmos para uma categoria de ser/agir como possibilidade em decorrência do *outrar-se*.

Portanto, compreendemos que é perfeitamente possível

(...) perder a saúde antes mesmo de ficar doente. A passividade que se impõe aos sujeitos diminuídos por um “trabalho nem feito, nem a fazer” envenena uma existência profissional abortada. É no encontro da atividade contrariada que se coloca uma clínica da atividade a serviço do trabalho. (Clot, 2017a, p. 18)

Quando, acima, falamos em preservação do trabalhador docente, estamos nos referindo ao fato de que, nesta perspectiva higienista (CLOT, 2017b), se priorizam os riscos psicossociais, como veremos seguir.

3.3 RISCOS PSICOSSOCIAIS

Ao elencarmos os “riscos psicossociais” como categoria conceitual, nesta seção final do texto, nos encaminhamos para a parte nuclear da questão provocadora desta discussão: qualidade do trabalho ou qualidade no trabalho?

A perspectiva teórica da Clínica da Atividade postula que quem adoece é o trabalho, o que nos incita a refutar a noção dos riscos psicossociais que colocam o trabalhador numa situação passiva. Ademais, é pertinente também voltarmos a atenção para o fato seguinte: “a gestão dos chamados ‘riscos psicossociais’ tornou-se um verdadeiro *business* ao associar o estresse, o sofrimento e a violência no trabalho, o assédio moral e, às vezes, até mesmo as LER/DORT⁸” (CLOT, 2017b, p. 114)

Em suma, “trata-se menos de fazer o inventário dos riscos psicossociais, do que de encontrar, com os profissionais, os recursos psicossociais e sociais próprios para realizar um trabalho de qualidade por natureza discutível (...)”. (CLOT, 2017a, p.18)

No que diz respeito ao trabalhador docente, é costumeiro vermos que muitos são os casos em que, diante de situações que o impossibilitam, o impedem, a via mais comum é procurar ajuda psicológica e/ou psiquiátrica, contextos que normalmente o tratam como *paciente*, tendo como consequência a suspensão de sua trajetória laboral parcial ou totalmente. Porém, o que se almeja na Clínica da Atividade é exatamente a continuação de seu trabalho, movido pelo aumento do poder de agir, o que permite, então, que esse docente possa ser visto como *agente*.

⁸ LER - Lesões por Esforços Repetitivos; DORT - Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho.

3.4 NA CONTRAMÃO DA QUALIDADE NO TRABALHO

Ao propormos este subtítulo, nos subscrevemos no posicionamento de acordo com o qual a qualidade DO trabalho está na contramão da qualidade NO trabalho. Como já vínhamos pontuando anteriormente, adotamos a ideia de que quem adoece é o trabalho em si. Não cabe, dessa forma, dizer que quem precisa ser cuidado é o trabalhador, pois assim, estaríamos nos respaldando numa ótica favorecedora da contemplação dos riscos psicossociais. Na contramão, é preciso, então, lançarmos mão do poder de agir, que pode se materializar nos trabalhadores como possibilidade de ver modificado o impedimento ou o conflito existente pela via da ação, da transformação, sendo, portanto, o poder de agir considerado derradeiramente como um operador de saúde.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos a esta etapa do texto, retomamos algumas reflexões e posicionamentos, pois servem para indicar que outras inquietações surgiram nesse processo de pesquisa.

Em resposta à pergunta posta introdutoriamente, a conclusão principal e mais pontual que registramos se refere à necessidade de priorizarmos a qualidade do trabalho em detrimento da qualidade no trabalho, pois essa virada suscita a promoção de um ativismo existencial no trabalhador, proporcionando transformação nesse meio e em si mesmo, além do orgulho de ser quem é. Afinal, pensamos que

(...) no trabalho, não é suficiente ser reconhecido por alguém. É preciso, ainda, se reconhecer em algo: uma história comum, um produto, uma técnica, uma linguagem, uma marca, um *métier*, uma trajetória. Sem esse 'algo' que propicia um mínimo de orgulho, é muito difícil 'ser alguém' (CLOT, 2017a, p. 19)

Dessa maneira, vemos que, quando cuidamos do nosso trabalho docente, nos reconhecemos nele, prezamos por sua qualidade, e, ao mesmo tempo, estamos desenvolvendo o poder de agir, o que marca nossas particularidades subjetivas em meio às memórias coletivas da docência como trabalho. Fora disso, na perspectiva da qualidade no trabalho, reside pungente a vitimologia a que se refere Clot (2013), de acordo com a qual se previne a desintoxicação potencial, mas não se permite o

desenvolvimento do poder de agir. Pelo contrário, apenas se potencializa a classificação do trabalhador como frágil, débil.

Por outro lado, essas inquietações que anunciamos acima parecem nos possibilitar, no futuro, a tomada de decisão frente à investigação analítico-textual de relatórios produzidos por licenciandos em Letras Inglês, durante a pandemia da COVID, levando em consideração o trabalho docente em construção, a partir das memórias de observação e da produção de microaulas compartilhadas em fórum criado para este fim, no contexto da última disciplina de estágio cursada – Estágio III –, ministrada pelo professor Walison Paulino de Araújo Costa, em 2020.2. Ao mesmo tempo em que apontamos para esse interesse futuro, salientamos que sentimos essa necessidade analítica no que diz respeito, sobretudo, aos relatos desses professores em formação no que tocam às seguintes categorias: poder de agir na indissociabilidade com a qualidade do trabalho docente.

REFERÊNCIAS

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Psicologia e Trabalho**: apropriações e significados. Coleção Debates em Administração. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2009.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando; SOBOLL, Lis Andrea. Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In: BENDASSOLLI, Pedro Fernando; SOBOLL, Lis Andrea (Orgs.). **Clínicas do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.

COSTA, Walison Paulino de Araújo. **Saúde, linguagem e trabalho**: a clínica da atividade em prol do devir docente no contexto da Residência Pedagógica. Projeto de Pós-doutorado (Programa de Pós-graduação em Linguística- PROLING), Universidade Federal da Paraíba, 2020.

CLOT, Yves. Ofício como operador de saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol.16, n. especial 1, p. 1-11, 2013.

CLOT, Yves. Clínica da Atividade. **Horizontes**, v. 35, n. 3, p. 18-22, set./dez. 2017a.

_____. Higienismo contra o trabalho de qualidade? **HIG**, Belo Horizonte, vol. 1, n. 1, art. 6, 114-124, novembro, 2017b.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução, introdução e comentários: Mary de Camargo Neves Lafer. 1ª parte. 3ª edição. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996.

LEÃO, Luís Henrique da Costa. Psicologia do trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. **ECOS**. Volume 2, Número 2, pp. 291-305. 2012.

MACHADO, Ana Rachel (Org.). **O ensino como trabalho**. Londrina: Eduel, 2004.

MEDRADO, Betânia Passos. Compreensão da Docência como Trabalho: reflexões e pesquisas na/da Linguística Aplicada. In: MEDRADO, Betânia Passos; PÉREZ, Mariana (Orgs.). **Leituras do Agir Docente: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva**. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Vol. 12. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PINHEIRO, F. P. H. A.; COSTA, M. F. V.; MELO, P. B.; AQUINO, C. A. B. Clínica da Atividade: conceitos e fundamentos teóricos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 68 (3): 110-124, Rio de Janeiro, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª edição. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2014.

ZANELLI, J C.; BASTOS, A. V. B. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: ZANELLI, J.C; BORGES--ANDRADE, J. E, BASTOS, A. V. B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto alegre: Artmed, 2004.

WINNICOTT, D. **Conversations ordinaires**. Paris: Gallimard, 1988.